



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 17 | n. 2 | p. 13-19 | 2019]

RECEBIDO: 24-05-2019

APROVADO: 14-06-2019

ARTIGO ORIGINAL

## DOSSIÊ PSICOLOGIA DO ESPORTE

### Orientação motivacional de atletas usuários de cadeira de rodas

*Motivational orientation among wheelchair users athletes*

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p13>

Fábia Freire da Silva<sup>1</sup>, Jéssica Almeida da Silva<sup>1</sup>, Guilherme Augusto de Souza Duim<sup>1</sup>,  
José Roberto Andrade do Nascimento Junior<sup>2</sup>, Paulo Ferreira de Araújo<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Paranaense (UNIPAR)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Vale de São Francisco (UNIVASF)

<sup>3</sup>Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

#### RESUMO

**Objetivo:** Identificar, comparar e correlacionar a orientação motivacional de atletas de Basquetebol em Cadeiras de Rodas (BCR), Rugby em Cadeiras de Rodas (RBC) e Handebol em Cadeira de Rodas (HCR) em situação de competição. **Métodos:** A amostra foi constituída por 36 atletas com deficiência física com idade entre 22 e 45 anos, do sexo masculino. O estudo foi realizado durante o Campeonato Brasileiro das equipes no ano de 2017, na cidade de Toledo (PR), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), respectivamente. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o Questionário de Esporte de Orientação para Tarefa e Ego (TEOSQb). Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e inferencial, adotando-se como significância  $p < 0,05$ . **Resultados:** Os resultados obtidos apresentaram orientação motivacional para tarefa (HCR=3,76; BCR=3,94; RCR=4,01) nas três modalidades estudadas, em relação a orientação motivacional para o ego (HCR=2,09; BCR=2,42; RCR=1,83). **Conclusão:** Conclui-se que os atletas de HCR, RCR, BCR possuem uma tendência a motivação orientada para a tarefa. Isto é, acreditam mais em seus esforços e são persistentes durante a aprendizagem e o aperfeiçoamento, ou seja, preocupam-se em executar o mais corretamente possível uma dada tarefa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Motivação; Atletas; Pessoas com Deficiência.

#### ABSTRACT

**Objective:** To identify, compare and correlate the motivational orientation of athletes of Basketball in Wheelchair (BW), Rugby in Wheelchair (RW) and Handball in Wheelchair (HW) in competition situation. **Methods:** The sample consisted of 36 male physically disabled athletes aged between 22 and 45 years old. The study was carried out during the Brazilian Championship of the sports in 2017, in the city of Toledo (PR), Rio de Janeiro (RJ) and Sao Paulo (SP), respectively. The instrument used was the Task and Ego Orientation in Sports Questionnaire (TEOSQb). Data analysis was conducted through descriptive and inferential statistics, being adopted as significance  $p < 0.05$ . **Results:** The results showed higher task orientation (BW=3.76; RW=3.94; HW=4.01) in the three modalities, in comparison to the motivational orientation for the ego (BW=2.09; RW=2.42; HW=1.83). It was concluded that BW, RW and HW athletes have a tendency toward task-oriented motivation. **Conclusion:** Thus, they believe more in their efforts and are more persistent during learning and specialization, that is, they are concerned to execute as accurately as possible a task.

**KEYWORDS:** Motivation; Athletes; Disabled Persons.

## INTRODUÇÃO

A prática de atividade física tem sido apontada como um estilo de vida saudável. No que se refere às pessoas com deficiência física observa-se um crescimento da prática em atividades esportivas (LIMA; RIBEIRO; TONELLO, 2012). O desporto para esse público, além de uma terapia, é visto como uma caminhada para o rendimento com alto nível técnico dos atletas. Sendo assim, a prática de esportes para esta população, é benéfica, pois há uma melhora da aptidão física, ganho de independência, socialização, autoconfiança e autoestima (ARAÚJO, 2011).

O início dessas atividades esportivas no Brasil foi na década de 1950 por meio da iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande após voltarem de um tratamento nos Estados Unidos da América (EUA), onde haviam praticado modalidades em cadeira de rodas, dentre elas, o Basquetebol (BCR) (GORGATTI; GORGATTI, 2008; ARAÚJO, 2011), sendo, portanto, considerada a primeira modalidade em Cadeira de Rodas introduzida no Brasil. Sua prática teve início nos EUA em 1945, constituindo-se uma das poucas modalidades que esteve presente em todas as edições dos Jogos Paralímpicos. O BCR é praticado por atletas, de ambos os sexos, que tenham alguma deficiência físico-motora, e está sob a responsabilidade da Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas (IWBF) - em âmbito internacional, vinculando-se no Brasil à Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas (CBBC, 2017).

O Rugby em Cadeira de Rodas (RCR) ou Quad Rugby surgiu no Canadá como opção esportiva para pessoas com tetraplegia na década de 1970. É considerado, atualmente, uma das principais modalidades paralímpicas devido ao grande dinamismo do jogo. No Brasil, atletas com tetraplegia correspondem a mais de 90% dos praticantes. O jogo ocorre em quadras com dimensões do basquetebol convencional e é utilizada uma bola semelhante à do voleibol (ABRC, 2017).

Já o Handebol em Cadeira de Rodas (HCR), teve seu primeiro registro datado de setembro de 1991 figurando em um simpósio, pois, já era praticado pelos participantes do projeto de extensão da faculdade de educação física, na cidade de Campinas, São Paulo. O HCR é conhecido como um jogo de ataque e defesa, semelhante à sua versão convencional, no qual o objetivo é fazer gols acertando as balizas dos adversários. Podendo ser disputado em duas modalidades distintas: a) HCR7, que é uma adaptação do handebol de salão para 7 jogadores em quadra e, b) HCR4, que é a adaptação do handebol de areia (CALEGARI; ARAÚJO; GORLA, 2010). Se tratando de uma modalidade esportiva adaptada relativamente nova, o HCR, ainda não é uma modalidade paralímpica (IPC, 2019). Entretanto, todas essas modalidades possuem ações como bloqueios, passes, dribles e fintas, que são similares entre si e que são realizados de forma constante e intensa.

Os indivíduos com deficiência física, participam de atividades desportivas devido a um conjunto de razões, entre eles, os fatores motivacionais que os levam a ser fisicamente mais ativos. Estudos (CAMPBELL; JONES, 1994; PAGANI, 2012; TORRALBA; VIEIRA; RUBIO, 2017) apontam que a motivação talvez seja o fator mais importante para a permanência e continuidade dos atletas numa determinada modalidade, sendo apontada como um dos fatores psicológicos de maior relevância para o sucesso desportivo. No mesmo sentido, o clima motivacional pode ter um impacto importante na regulação da motivação dos atletas porque pode facilitar ou impedir a satisfação das suas necessidades psicológicas básicas (SARRAZIN; BOICHÉ; PELLETIER, 2007).

Embora as investigações sobre os aspectos psicológicos em atletas sejam encontradas, não podemos dizer o mesmo quando a busca se dá em relação as pessoas com deficiência, e em específico, para atletas de alto rendimento, como aqueles que atingem o patamar de atleta paralímpico. Neste aspecto, as investigações com este foco ainda são escassas (TORRALBA; VIEIRA; RUBIO, 2017).

A motivação pode ser definida como sendo a direção e intensidade de um esforço (SAGE, 1977). Isto é, num contexto esportivo, a direção do esforço baseia-se na busca individual de um objetivo, bem como, aos atrativos de determinadas situações. A intensidade do esforço refere-se ao grau de energia que uma pessoa despense no cumprimento de uma situação particular. Embora, Weinberg e Gould (2017) relatem que ambas, direção e intensidade, sejam próximas do ponto de vista teórico devem ser separadas.

Samulski (2002) e Weinberg e Gould (2017) caracterizam a motivação como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, dependendo da interação de fatores pessoais (intrínsecos, como: necessidades, interesses, metas e personalidade) e ambientais (extrínsecos, como estilo de liderança do técnico, facilidades, tarefas atrativas, desafios e influências sociais). Contudo, a motivação pode afetar a seleção, intensidade e persistência de um indivíduo, pois no caso do esporte, interfere diretamente na qualidade da performance do atleta.

A motivação intrínseca é reconhecida como um mediador importante na conquista da competência e autoconceito do indivíduo sobre o ambiente (NTOUMANIS, 2001; SAMULSKI, 2002). Tendo como referência a execução de uma determinada atividade pelo prazer que esta pode proporcionar (MARTINELLI; SISTO, 2010; PAIVA; BORUCHOVITCH, 2010). Já a motivação extrínseca é a motivação externa à própria atividade da aprendizagem, não resultando do interesse pelo conteúdo de ensino em si, sendo determinada por fatores externos ao próprio assunto a ser aprendido (HURTADO apud BERLEZE; VIEIRA; KREB'S, 2002; SAMULSKI, 2002).

Para além, destaca-se dois tipos de orientações motivacionais: a orientação para a tarefa e a orientação para o ego. Orientação para a tarefa é a preocupação do atleta no desenvolvimento da sua competência e das suas habilidades na melhoria de uma tarefa, ou seja, melhorar suas próprias capacidades. Um indivíduo orientado para o ego não objetiva superar-se a si mesmo, mas sim superar os outros, a sua percepção de sucesso baseia-se na comparação com os colegas, tendo necessidade de se sentir superior a eles (VASCONCELOS-RAPOSO; MAHL, 2005).

Desse modo, torna-se relevante, portanto, compreender a relativa força da motivação intrínseca e extrínseca e suas relações com a orientação motivacional, assim o presente estudo teve como objetivo identificar, comparar e correlacionar a orientação motivacional de atletas de Basquetebol em Cadeiras de Rodas (BCR), Rugby em Cadeiras de Rodas (RBC) e Handebol em Cadeira de Rodas (HCR) em situação de competição.

## MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, quantitativa, do tipo transversal. O que segundo Mattos, Júnior e Rabinovich (2017) o método de pesquisa descritiva tem como característica observar, registrar, analisar e correlacionar os fatos sem manipulá-los, buscando “descobrir com precisão a frequência em que um fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores” (p. 39). O presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Paranaense (COPEP), sob o Parecer nº 1.903.297/2017.

A amostra foi constituída por 36 atletas, com deficiência física, do sexo masculino, de três modalidades desportivas em cadeira de rodas. Sendo elas: O Basquetebol em Cadeira de Rodas (BCR), o Rugby em Cadeira de Rodas (RCR) e o Handebol em Cadeira de Rodas (HCR). A escolha desses sujeitos deu-se em razão de sua representatividade em nível nacional, tendo em vista, os mesmos integrarem, ou já terem feito parte da seleção brasileira. Como critérios para inclusão foram adotados: a) ter no mínimo 1 ano de prática; e b) treinar no mínimo duas vezes por semana.

Os dados foram coletados por meio do Questionário de Esporte de Orientação para Tarefa e Ego (TEOSQb) versão portuguesa proposta originalmente por Duda (1992), traduzida e adaptada por Fernandes e Vasconcelos-Raposo (2010). Este instrumento permite identificar a motivação direcionada para a orientação da tarefa (itens: 2, 5, 7, 8, 10, 12 e 13) e de orientação para o ego (itens: 1, 3, 4, 6, 9 e 11). As 13 questões na qual os atletas respondem, consiste numa escala tipo Likert de 5 níveis de resposta, que variam entre 1 (“discordo totalmente”) e 5 (“concordo totalmente”).

No primeiro momento, foram contatados os presidentes da Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas (ABRAHCAR), da Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas (CBBC) e da Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas (ABRC), para solicitar-lhes autorização e informar sobre os objetivos da investigação. Posteriormente, foi solicitado autorização aos técnicos das equipes durante o congresso técnico, realizado antes do Campeonato Brasileiro de cada equipe. Em seguida, foi feito contato com os atletas e explicados os objetivos e os procedimentos para a coleta. Após, sanadas todas as dúvidas procedeu-se as assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos atletas que aceitaram participar do estudo. Os atletas foram convidados a responder individualmente os questionários, de forma anônima e voluntária, com a supervisão dos pesquisadores durante todo o processo, o que ocorreu 15 minutos antes do jogo de cada equipe.

A análise dos dados foi realizada por meio do Software SPSS, versão 22.0, mediante uma abordagem de estatística descritiva e inferencial. A análise preliminar dos dados foi realizada por meio do teste de normalidade de Shapiro-Wilk. Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para a comparação do clima motivacional em função das modalidades (handebol, rugby e basquetebol). Foi utilizada a correlação de Spearman para verificar a relação do clima motivacional com a idade e tempo de prática. A consistência interna do questionário foi verificada por meio do alfa de Cronbach. Foi adotada a significância de  $p < 0,05$ .

## RESULTADOS

Participaram da pesquisa 36 atletas, do sexo masculino, das seleções brasileiras de BCR (n=12), RCR (n=12) e HCR (n=12) com média geral de idade de  $31,94 \pm 5,15$  anos e tempo de prática de  $9,92 \pm 7,35$  anos. A Tabela 1 apresenta a caracterização da amostra estudada. Quanto aos anos de prática das modalidades, nossos resultados vão ao encontro do estudo de Rodrigues et al. (2009), os quais verificaram que a orientação para a tarefa é superior nos atletas com mais anos de experiência. Vasconcelos-Raposo, Moreira e Teixeira (2013) também verificaram no seu estudo que à medida que aumentam os anos de prática desportiva, aumenta a orientação motivacional para a tarefa.

De forma geral, os atletas apresentaram maior escore no clima voltado para a tarefa e menos escore no clima voltado para o ego (Tabela 2). Nota-se também que ambas as dimensões apresentaram valores satisfatórios de consistência interna.

**Tabela 1.** Caracterização da amostra por sujeito e variável.

Variáveis	Sujeitos do Estudo												Média ± DP	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
BCR	Idade (a)	39	45	39	37	33	38	34	28	35	35	27	43	36,08±5,33
	Tempo de prática (a)	21	28	18	20	12	20	20	8	16	23	11	25	18,50±5,89
	Carga horária (s)	3,5	3	2,5	15	10	15	15	6	13	25	20	8	5,75±3,18
	Tempo de lesão (a)	38	34	28	37	26	37	34	12	17	24	13	1	19,50±26,16
RCR	Idade (a)	30	35	32	33	27	27	33	26	26	33	30	33	30,42±3,20
	Tempo de prática (a)	7	7	3	5	4	8	7	9	2	7	6	9	6,17±2,25
	Carga horária (s)	8	1,5	8	8	6	15	6	16	12	10,5	9	10	9,00±1,41
	Tempo de lesão (a)	10	13	6	7	6	10	14	9	26	12	8	9	9,50±0,71
HCR	Idade (a)	31	34	29	32	22	26	25	28	28	32	28	37	29,33±4,12
	Tempo de prática (a)	1	2	7	10	8	4	4	4	3	1	11	6	5,08±3,34
	Carga horária (s)	6	3	12	1	6	12	8	8	4	7	3	3	4,50±2,12
	Tempo de lesão (a)	4	39	29	11	13	7	6	27	7	5	13	10	7,00±4,24

**Tabela 2.** Estatística descritiva e consistência interna da orientação por Tarefa e Ego.

Variáveis	Md	Q1-Q3	A
Tarefa	3,88	3,50-4,22	0,86
Ego	2,00	1,50-2,63	0,83

Não houve diferença significativa no clima motivacional para o ego ( $p=0,263$ ) e para a tarefa ( $p=0,351$ ) entre os atletas das seleções brasileiras de HCR, RCR e BCR. Ressalta-se que os atletas das três modalidades apresentaram valores superiores na dimensão voltada para a tarefa (Tabela 3).

**Tabela 3.** Comparação do clima motivacional dos atletas das seleções brasileiras de HCR, BCR e RCR.

VARIÁVEIS	Handebol (n=12)	Basquetebol (n=12)	Rugby (n=12)	P
	Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)	
Ego	2,09 (1,83-2,79)	2,42 (1,37-2,63)	1,83 (1,33-2,42)	0,263
Tarefa	3,76 (3,38-4,07)	3,94 (3,60-4,25)	4,01 (3,75-4,22)	0,351

\*Diferença significativa ( $p < 0,05$ ) – Teste de Kruskal-Wallis.

Ao analisar a correlação do clima motivacional com a idade e tempo de prática dos atletas (Tabela 4), não foi encontrada correlação significativa ( $p > 0,05$ ) entre as variáveis.

**Tabela 4.** Correlação do clima motivacional com a idade e tempo de prática dos atletas.

Variáveis	Idade	Tempo de prática
Ego	-0,02	-0,10
Tarefa	-0,15	0,04

\*Correlação significativa ( $p < 0,05$ ) – Correlação de Spearman.

Embora não se tenha encontrado diferença estatística significativa, os resultados mostraram estabilidade interna do instrumento com Alfa de 0,86 (tarefa) e 0,83 (ego) o que demonstra confiabilidade. O que segundo Streiner (2003) esses resultados podem ser aceitáveis, uma vez que, o valor mínimo é de 0,70 e máximo de 0,90. Sendo que, preferencialmente esses valores do alfa de Cronbach devem estar entre 0,80 e 0,90. Estudos que utilizaram esta escala tiveram valores similares de consistência interna (ANJOS et al., 2015; ALBUQUERQUE et al., 2015; HIROTA et al., 2016).

Nesse estudo, quando analisadas as médias dos atletas das três modalidades, identificou-se que os jogadores de BCR, RCR e HCR apresentaram características relacionadas a motivação com as orientações voltadas para tarefa (3,94; 4,01 e 3,76, respectivamente). Isto é, acreditam no seu esforço, optam por metas compatíveis com suas capacidades, preocupam-se com a aprendizagem e com o domínio da tarefa, são mais persistentes, buscando satisfação e prazer em uma tarefa, sendo assim mais otimistas.

No estudo de Hirota et al. (2016), com a participação de 21 jogadores de bocha adaptada com tetraplegia, com idades entre 18 e 60 anos, a motivação por orientação a tarefa teve média de  $4,71 \pm 0,56$ . Em contrapartida, o estudo de Fliess-Douer, Hutzler e Vanlandewijck (2003), quando examinou uma amostra de jogadores de basquetebol em cadeira de rodas em nível competitivo, mostrou que os atletas com deficiência ( $T=3,31$ ) não diferiu na orientação para tarefa e ego de atletas sem deficiência ( $T=3,30$ ;  $E=3,50$ ). Outras investigações seguiram estes achados (CAMPBELL; JONES, 1997; DOROGI; SZABO; BOGNÁR, 2008).

Em nossos achados a motivação orientada para o ego demonstrou que os atletas do RCR apresentaram valor médio menor (1,83) em relação ao BCR (2,42) e o HCR (2,09). Essa característica pode estar relacionada ao tipo de deficiência mais complexa dos atletas de RCR, uma vez que, para ser atleta elegível desta modalidade paradesportiva inclui-se aqueles com tetraplegia. O que leva a uma dificuldade maior na realização das tarefas, como referido por Winterstein (2002). Contudo, outros estudos encontraram valores maiores com médias de  $3,37 \pm 1,19$  (HIROTA et al., 2016) e 3,48 (FLIESS-DOUER; HUTZLER; VANLANDEWIJCK, 2003).

Nesse sentido, pessoas com orientação para o ego possuem propensão a ser mais ansiosos, menos persistentes, com foco no reconhecimento social, atribuindo seus resultados a dificuldade da tarefa, e por consequência baixa percepção de sua competência. Para além, um indivíduo orientado para o ego não objetiva superar-se a si mesmo, mas sim superar os outros, a sua percepção de sucesso baseia-se na comparação com os colegas, tendo necessidade de se sentir superior a eles (WINTERSTEIN, 2002). Contudo, não podemos atribuir a esses jogadores das equipes de HCR e BCR uma tendência à motivação orientada pelo "ego", mas sim, por possuírem algumas características desta tendência de maneira mais evidente que os jogadores do RCR. Na Tabela 5 podemos observar as orientações motivacionais por ego e tarefa das equipes por modalidade.

**Tabela 5.** Resultados por média e desvio padrão por modalidade.

TEOSQ - Questionário do Esporte de Orientação para Tarefa (T) ou Ego (E)	BCR (M/dp)	RCR (M/dp)	HCR (M/dp)
1. sou o único que consegue executar as técnicas (E1)	1,50±0,90	1,42±0,90	2,08±1,31
2. aprendo uma nova técnica e isso me faz querer praticar mais (T1)	4,83±0,39	4,58±1,16	4,33±0,78
3. consigo fazer melhor do que os meus amigos (E2)	2,08±1,08	1,83±0,83	2,50±1,24
4. os outros não conseguem fazer tão bem quanto eu (E3)	2,00±0,95	1,58±0,90	2,58±1,44
5. aprendo algo que dá prazer em fazer (T2)	4,33±1,23	4,42±0,79	4,33±0,65
6. os outros cometem erros e eu não (E4)	1,50±1,00	1,67±1,23	2,00±1,28
7. aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante (T3)	4,42±0,79	4,42±1,16	4,42±0,67
8. trabalho realmente bastante (T4)	4,58±0,67	4,08±1,16	3,92±0,67
9. ganho a maioria das provas (E5)	3,25±1,06	2,75±1,06	3,00±1,21
10. algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais (T5)	4,67±0,49	4,42±1,16	4,42±0,67
11. sou melhor (E6)	2,25±1,06	1,92±1,16	2,08±0,90
12. sinto que uma técnica que aprendo está bem (T6)	3,33±1,30	3,75±1,14	3,33±1,37
13. faço o meu melhor (T7)	4,83±0,58	4,58±0,90	4,50±0,52

Quando observados os resultados por equipe, percebe-se que os atletas do BCR apresentaram valores superiores quanto ao aspecto motivacional para a tarefa (T) em todas as questões, exceto a questão 5 e 12. Demonstrando que as equipes paralímpicas do BCR e RCR prevalecem com valores acima quando comparadas a equipe do HCR.

Por outro lado, Torralba, Vieira e Rúbio (2014) defendem que estabelecer climas motivacionais orientados para o domínio que estimulem uma orientação para a tarefa no indivíduo, a fim de aumentar sua percepção de competência, motivação intrínseca, continuidade na prática esportiva e reduzir a tensão, e até mesmo um domínio orientado para o ego parecem ser padrões motivacionais positivos para atletas paralímpicos. O que de fato, vai ao encontro dos achados desse estudo, no que se refere a orientação para a tarefa, demonstrando que os atletas do RCR e BCR obtiveram médias superiores aos atletas do HCR, cuja modalidade ainda não possui “status” de desporto paralímpico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados encontrados, pode-se concluir que os atletas do BCR, RCR e HCR possuem uma tendência a motivação orientada para a tarefa. Ressalta-se que para estes jogadores o prazer de aprender novas técnicas demonstra ser um fator de grande relevância, enquanto que, sentir-se o melhor perante seus companheiros, demonstrou ser o menos expressivo. Como implicações práticas, acredita-se que este estudo possa contribuir para instigar futuros estudos sobre a motivação entre atletas com deficiência em modalidades esportivas coletivas. Para tanto, ressaltamos a necessidade de pesquisas mais aprofundadas na área da Educação Física, com ênfase na Atividade Física Adaptada, com amostragem maior, em diversos contextos sociais para que possamos ampliar e colaborar com atletas e profissionais que atuam com esta população.

## REFERÊNCIAS

- ABRC. **Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas**. Modalidade. 2017. Disponível em: <<http://rugbiabrc.org.br/>>. Acessado em: 20 de setembro de 2017.
- ALBUQUERQUE, I.; DINIZ, D. V.; DE FRANÇA, E.; PAIANO, R.; HIROTA, V. B. Reliability of TEOSQ in brazilian jiu-jitsu and muay-thai fighters: a pilot study. **International Journal of Physical Education, Sports and Health**, Nova Délhi, v. 1, n. 6, p. 12-15, 2015.
- ANJOS, R. M. M.; FERREIRA, E. N. G.; SILVA, D. D.; PAULO, L. F. L.; HIROTA, V. B. Goals orientation and pre competitive stress of brazilians track and field athletes. **International Journal of Physical Education, Fitness and Sports**, Tamil Nadu, v. 4, n. 2, p. 1-9, 2015.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, v.1, 2011.
- BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 99-107, 2002.
- CALEGARI, D. R.; GORLA, J. I.; ARAÚJO, P. F. **Handebol em cadeira de rodas: regras e treinamento**. São Paulo: Phorte, 2010.
- CAMPBELL, E.; JONES, G. Psychological well-being in wheelchair sport participants and nonparticipants. **Adepted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v. 11, n. 4, p. 404-15, 1994.
- CBBC. **Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas**. O esporte. 2017. Disponível em: <<https://www.cbcb.org.br/atletascbbc>>. Acessado em: 16 de outubro de 2017.
- CPI. Comitê Paralímpico Internacional. Summer paralympic games overview. 2017. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/>>. Acessado em: 02 de junho de 2017.
- DOROGI, L.; SZABO, A.; BOGNÁR, J. Goal orientation and perceived motivational climate in hungarian athletes with physical and visual disabilities and in able-bodied athletes. **Kinesiology**, Horvačanski zavoaj, v. 2, n. 40, p. 162-9, 2008.
- FERNANDES, H. M.; VASCONCELOS-RAPOSO, J. J. B. Análise Factorial Confirmatória do TEOSQp. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 1, n. 23, p. 92-101, 2010.
- FLIESS-DOUER, O.; HUTZLER, Y.; VANLANDEWIJCK, Y. C. Relation of functional physical impairment and goal perspectives of wheelchair basketball players. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v. 96, n. 3, p. 755-8, 2003.
- GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2.ed. São Paulo: Manole, 2008.
- HARTER, S. Effectance motivation reconsidered: toward a developmental model. **Human Development**, Basel, v. 21, n. 1, p. 24-64, 1978.

- HIROTA, V. B.; DINIZ, D. V.; ARROXELLAS, R. D.; DE MARCO, A.; VERARDI, C. E. L.; SEABRA, A. G.; PAULA, C. S. Aplicação de instrumento de motivação em para-atletas da bocha adaptada: um estudo piloto. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 8-15, 2016.
- LIMA, R. M. C.; RIBEIRO, P. R. Q.; TONELLO, M. G. M. Percepção da qualidade de vida por pessoas com deficiências físicas praticantes e não praticantes de atividades de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, 2012.
- MARTINELLI, S. C.; SISTO, F. F. Motivação de estudantes: um estudo com crianças do ensino fundamental. **Avaliação Psicológica**, v. 9, n. 3, p. 413-420, 2010.
- MATTOS, M. P.; JÚNIOR, A. J. R.; RABINOVICH, S. B. **Metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigos e projetos**. 4.ed. São Paulo: Phorte, 2017.
- PAGANI, L. G. Análise motivacional de atletas do paradesporto de nível nacional. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 6, n. 34, p.330-5, 2012.
- PAIVA, M. L. M. F.; BORUCHOVITCH, E. Orientações motivacionais, crenças educacionais e desempenho escolar de estudantes do ensino fundamental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 381-9, 2008.
- RODRIGUES, A.; LÁZARO, J.; FERNANDES, H.; VASCONCELOS-RAPOSO, J. Caracterização dos níveis de negativismo, activação, autoconfiança e orientações motivacionais de alpinistas. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 5, n. 2, p. 63-86, 2009.
- SAGE, G. **Introduction to motor behavior: a neuropsychological approach**. Reading: Addison-Wesley, 1977.
- SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática**. Barueri: Manole, 2002.
- SARRAZIN, P. G.; BOICHÉ, J. C. S.; PELLETIER, L. G. A self-determination approach to sport dropout. In: HAGGER, M.; CHATZISANTANTIS, N. (Eds.). **Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport**. Champaign: Human Kinetics, 2007.
- STREINER, D. L. Being inconsistent about consistency: when coefficient alpha does and doesn't matter. **Journal of Personality Assessment**, Philadelphia, v. 80, n. 3, p. 217-22, 2003.
- TORRALBA, M. A.; BRAZ, M.; E RUBIO, M. J. La motivación en el deporte adaptado. **Psychology, Society, & Education**, Almería, v. 6, n. 1, p. 27-40, 2014.
- TORRALBA, M. A.; VIEIRA, M. B.; E RUBIO, M. J. Motivos de la práctica deportiva de atletas paralímpicos españoles. **Revista de Psicología Del Deporte**, Cerdanyola del Vallès, v. 26, n. 1, p. 49-60, 2017.
- VASCONCELOS-RAPOSO, J.; MAHL, A. Orientação cognitiva de atletas profissionais de Futebol do Brasil. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 1, n. 4, p. 253-265, 2005.
- VASCONCELOS-RAPOSO, J.; MOREIRA, J. M.; TEIXEIRA, C. M. Clima motivacional em jogadores de uma equipa de handebol. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 9, n. 3, p. 117-126, 2013.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- WINTERSTEIN, P. J. A Motivação para a atividade física e para o esporte. In: DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

---

Autor correspondente: **Fábia Freire Silva**

E-mail: [fabiafreire@uol.com.br](mailto:fabiafreire@uol.com.br)

Recebido: **24 de maio de 2019**.

Aceito: **14 de junho de 2019**.